

Impressões de verão de 2009 em algumas paróquias rurais

O que mais cruelmente falta em nosso interior, em nossos campos, eles próprios dizimados, são padres. Um só, frequentemente, deve atender quatro paróquias, por vezes, mais ainda, a missa do domingo celebrada cada vez em uma igreja diferente. As igrejas, elas, estão sempre lá, pequenas ou grandes, imutáveis, por vezes, admiravelmente românicas, testemunhando por sua existência o que houve lá, durante muitas gerações, e mesmo por vários séculos, uma comunidade viva, com uma história que vai se esquecendo, como a gente se esquece de se perguntar como e por que, por toda parte, foram construídas todas essas igrejas.

O padre aí celebra, mais ou menos inexatamente, uma missa que foi «nova» há quarenta anos, versão gaulesa, agora incrustada em suas próprias rotinas. A assistência canta com fervor os cantos amontoados à entrada da igreja sobre uma mesinha. Um ou dois leigos distribuem a santa comunhão na mão dos fiéis. Ninguém se ajoelha, nem mesmo na hora da consagração, aliás, a disposição dos bancos torna impossível ajoelhar-se. É a promoção do laicato, um laicato orgulhoso e de pé em sua democrática dignidade de homens livres.

Entretanto, nenhum desses leigos promovidos parece saber ajudar a missa quando faltam coroinhas. E não há coroinhas. Também na assistência quase não há crianças. Os assistentes estão ali por uma visível e resoluta fidelidade à Igreja de seu Batismo, tal qual se apresenta a eles há tantos anos já: sem ter pensado especialmente nisso, eles sabem que a Igreja está certamente ali, em torno do padre católico enviado pelo Bispo, garantia de autenticidade.

Parece que um pouco por toda a parte a palavra de ordem foi dada de não mais se abraçarem e de darem a mão a qualquer um para se «dar a paz» antes da comunhão, cruel sacrifício imaginado sem dúvida em altas esferas para salvar o essencial da «nova» liturgia, ou pelo menos para ganhar tempo esperando a próxima vinda de um outro Papa: mas os fiéis das paróquias rurais ignoram tudo sobre o esforço pedagógico desse papa, pelo exemplo e pelo ensinamento explícito, para deter essa insuportável comunhão de pé e na mão distribuída por leigos, e também para restabelecer o ajoelhar-se diante de Jesus presente na hóstia consagrada. Eles também não sabem que o Papa de modo algum fez isso escondido (isso foi tratado numa página inteira cheia de uma esperança implícita no jornal *La Croix*), na hora da maior tempestade erguida contra ele, neste ano, no clero e na sua hierarquia, o Papa foi em peregrinação meditar no túmulo de Celestino V, o soberano pontífice que abdicou... Os fiéis dessas paróquias rurais abandonadas estão, na missa, tranqüilamente ferventes e recolhidos, os mais jovens dentre eles têm ao menos quarenta ou cinquenta anos. Toda uma geração fiel e

enganada em sua fidelidade a ponto de administrar a Eucaristia em lugar do padre, mas que não têm mais coroinhas nem catecismo para crianças batizadas, e de não ser capaz de fazer algo para compensar essa falta, toda uma geração aparentemente esterelizada, toda uma geração que vai desaparecer sem sucessão. A Igreja não desaparecerá, mas noutros lugares. E de outro modo.

[Tradução: Montfort. Texto original em francês em Present.fr, sábado, 18 de julho de 2009]